

Vidas Realmente Opostas

As novelas brasileiras tendem a mostrar a realidade do Brasil, divulgando a nossa cultura, quando exportadas para outros países, ou introduzindo discussões importantes na sociedade, é o que diria a maioria das pessoas que consomem as novelas. Certa vez, o filósofo Renato Janine Ribeiro em uma entrevista, disse que as novelas brasileiras constituem o único espaço onde o povo discute a sua própria cultura, diríamos, então, que é somente nesse espaço que teríamos uma constante discussão sobre ética e moral no Brasil, onde a população pode se pensar enquanto sujeito diante dos vários problemas que assolam o nosso país. Portanto, se Renato Janine Ribeiro está certo, então, as pessoas necessitam dessas novelas para pensar as suas próprias ações diante da vida real fora da telinha, nesse sentido, delegamos a televisão um papel ainda maior do que ela "deveria ter": de simples entretenimento, para ditadora de prescrições éticas, ou seja, diz para as pessoas aquilo que elas devem pensar em fazer, mas na maioria das vezes, como as pessoas acreditam no que vêem, elas fazem sem pensar, pois é o certo.

A questão da síndrome de down, da maneira que está sendo abordada na novela "Páginas da Vida" da Rede Globo, fez com que os pais que têm filhos com essa doença, sintam mais orgulho deles, pois após a Clarinha aparecer enquanto filha da grande mulher Helena, as crianças com essa doença, ganharam o estatuto de seres humanos para a população, ou seja, também são pessoas que necessitam de amor, igualdade de direitos e oportunidades. Todos sabemos que na medida que uma causa ganha o apoio de uma novela, pode ter certeza que todos se voltarão para esse problema, inclusive os governos.

Seguindo a fala de Janine Ribeiro, se a nossa cultura é somente discutida pela televisão, então, seria de extrema importância discutirmos os conteúdos dessas novelas, pois se elas introduzem questões importantes para a população se pensar, podemos ir longe e nos perguntar: "Quem decide o conteúdo de uma novela e, portanto, quem decide o que é importante para a sociedade?".

A novela "Páginas da Vida", pretende introduzir discussões importantes para a sociedade, nessa novela, além de retratar a vida da classe média alta carioca, ela aborda a questão do alcoolismo, do racismo, da síndrome de down. É claro que a discussão é sempre de maneira muito superficial, muitas vezes mostrando sempre

uma maneira conciliatória, como foi o exemplo da médica que sofria atos de racismo, mas que preferia não ver, nos fazendo pensar que quem comete tal crime, comete-o apenas por ignorância, reduzindo o problema a um indivíduo, pois é preferível não discutir e deixar passar, o racismo não é uma regra, é uma exceção.

Mas, esse tipo de discussão é sempre abafada, não é radicalizada, pois ela está imersa no meio de propagandas de cosméticos, bancos, lojas, e ideais de pessoas, como é o exemplo da própria Helena, que perdeu uma filha e resolveu adotar um filho negro e uma menina com síndrome de down, além de ter sido traída pelo marido no início da novela e ter dado a volta por cima, encontrando um "amor perfeito": cada um com sua casa e sua vida particular - o ideal de relação contemporânea burguesa. Além disso, casos de traição e de aparições espirituais, fazem da novela um caldeirão de futilidades, e as discussões éticas sobre a nossa própria cultura se fundem a comercialização de produtos e pessoas ideais que não existem, mas que se existissem, precisariam de muito dinheiro para existir.

A pergunta de quem decide o que é importante para a população ainda não foi respondida, quem sabe ela pode ser reformulada: "Quem decide o que a população tomará como real?". Mas temos um problema, e esse é ainda maior, se é a população que assiste e dá audiência, e é a audiência que pauta a programação de uma emissora, inclusive o roteiro de uma novela, não seria a própria população que decide o que ela própria tomará por real? Essa pergunta soa muito paradoxal e com certeza não vai ser eu que responderei, mas isso serve para nós pensarmos, pois essa é uma desculpa que os próprios veículos dão ao serem questionados pela qualidade de suas programações, ou seja, eles estão apenas dando aquilo que a população quer ver e ouvir.

Então, sendo bem realistas, podemos diagnosticar que a população que consome esses programas, em relação à "Páginas da Vida", quer algo mais distante da sua própria realidade, ou melhor, consome aquilo que ela queria para si, mas que enquanto tal, não é algo alcançável facilmente - podemos pensar na idéia de indústria cultural de Adorno e Horkheimer, que aplicando às novelas, podemos pensar que elas nos vendem uma propaganda enganosa, ou seja, elas prometem algo que não podem cumprir, prometem um mundo, nos vendem um mundo que não podemos viver, apenas contemplar e sonhar, aí está o nosso conforto existencial, a mera possibilidade de participarmos desse ideal pela via da imagem.

Já na novela "Vidas Opostas" da Rede Record, temos tiroteio entre traficantes, policiais corruptos, assassinatos em favela, a vida em um presídio, assalto a ônibus, etc. O que se aproxima muito às notícias que vemos diariamente nos jornais e nos telejornais. O negro, outrora ausente nos papéis de destaque nas novelas da Globo, tem um destaque certo nessa novela: eles são bandidos, são traficantes, assaltantes, em sua maioria moradores da Favela do Torto. Com isso, nos vêm uma pergunta: "Seria essa a realidade brasileira?".

Podemos pensar que essa novela introduz na sociedade um outro tipo de discussão, que precisa ser abordada de maneira mais cuidadosa, pois longe de nos apresentar meramente um ideal de vida, ela está se apresentando enquanto algo real que acontece e que vemos nos bairros de periferias.

A questão do racismo se não for discutida de maneira mais séria, além das novelas, pode causar maiores problemas, pois ao invés de discutirmos esse problema estaríamos o aumentando, nesse caso, uma novela que apresenta constantemente o negro roubando e envolvido com o tráfico, faz com que as pessoas aumentem o seu racismo e, ao invés de discutirmos a nossa cultura, como seria o papel de uma novela, como diz Renato Janine Ribeiro, teríamos um aumento estrondoso de um problema. Com isso, estamos diante de um outro problema, pois apresentar a "realidade real" do Brasil em uma novela será sempre um problema se não vier precedida por uma discussão sobre a nossa cultura, discussão que não deve ficar delegada à televisão.

O grande problema é que para algo fazer sucesso ela precisa se aproximar da vida das pessoas, dos seus sonhos e suas frustrações, as duas novelas fazem isso, uma se aproxima da realidade que é fato para a maioria das pessoas e que são as que consomem as novelas, e a outra se aproxima da realidade que é fato para uma imensa minoria da população que não consome essas novelas, no entanto, o que é fato para essa minoria da população é apenas sonho para a maioria da população, talvez por isso essa novela é tão consumida. Diante dessas Vidas realmente opostas - as duas novelas -, qual o nosso papel enquanto pessoas que ainda sonham com uma transformação social, uma emancipação da sociedade, pois se a sentença inicial de Renato Janine Ribeiro for real, estamos diante de um grande problema, pois a televisão dita o que as pessoas irão fazer, o que as pessoas tomarão para si, discutirão com os seus filhos nas suas casas, o que será tema propostos pelos alunos em sala de aula e etc.

Primeiramente, deveríamos desmistificar a neutralidade de um veículo de comunicação, dizer que além da televisão há pessoas por trás com interesses, e que ela é feita por mãos e cabeças humanas parecidíssima com essas que estão na ponta dos nossos braços e acima dos nossos pescoços. Para mim, a televisão não deve pautar a discussão ética da sociedade de maneira nenhuma, temos que mostrar que a ficção de uma novela é carregada de interesses reais e que o que assistimos tem como único interesse sustentar financeiramente uma emissora e manter a mentalidade alienada da população que não consegue distinguir o que é ficção e o que é a sua realidade.

Se as emissoras estivessem interessadas na emancipação da população e em uma discussão da sociedade, fazendo as pessoas se pensarem enquanto sujeitos livres, poderiam ser radicais, propondo, por exemplo, nos papéis de destaques atores negros, mostrar cenas onde as pessoas apareçam felizes por não terem o que comer, bandidos e assassinos todos loiros de olhos azuis, etc; isso ao meu ver chocaria e faria com que as pessoas se pensassem, pois elas estranhariam tudo aquilo, diriam que isso não é real e constatariam o que há muito tempo deveriam constatar. Para mim, esse seria o potencial pedagógico que poderíamos explorar através da mídia, uma certa pedagogia do estranhamento, mostrando realmente e refletindo sobre essas Vidas Opostas: a nossa que vivemos diariamente e a das pessoas que podem fazer yoga às 9 horas da manhã na Praia de Copacabana.

Marcos Vinicius da Silva Goulart
Fevereiro de 2007
alguemmeprocure@gmail.com